

PSICOLOGIA COGNITIVA

TEMPOS DE LEITURA E AMPLITUDE DE MEMÓRIA EM BILÍNGUES: A SUPERIORIDADE DA LÍNGUA MATERNA

AMÂNCIO DA COSTA PINTO

Alguns estudos mostraram uma relação linear negativa entre velocidade da fala e amplitude de memória. Esta relação tem implicações para os estudos de bilinguismo, na medida em que a amplitude de memória pode ser superior na língua secundária de um bilingue desde que o tempo de articulação seja mais rápido do que na língua materna. O objectivo deste estudo foi investigar os efeitos da extensão dos nomes de dígitos na amplitude de números em bilingues. A 1ª experiência avaliou os efeitos na extensão de sílabas em nomes de dígitos no tempo de fala em cinco grupos diferentes de bilingues. Os resultados revelaram que os tempos de leitura de dígitos foram significativamente mais rápidos em todas as línguas maternas. A 2ª experiência examinou mais de perto a correspondência entre tempo de articulação e amplitude de dígitos em bilingues portugueses e ingleses. Os resultados indicaram que os tempos de leitura de dígitos eram mais rápidos e a amplitude de números superior na língua materna, mesmo quando o número médio de sílabas por dígito era maior. Esta superioridade da língua materna foi discutida de acordo com a perspectiva de que os dígitos estão sujeitos a uma prática maciça na língua materna, havendo uma forte tendência para serem abreviados reduzindo assim a duração de articulação.

CONOTAÇÃO EMOCIONAL DE PALAVRAS PORTUGUESAS

ÂNGELA COSTA MAIA

Apesar do crescente interesse pelo estudo dos aspectos do funcionamento emocional, o acordo quanto à definição e delimitação do conceito é talvez um dos problemas mais insolúveis neste campo de investigação. Uma das questões que está directamente relacionada com a definição das emoções refere-se ao número de emoções. Desde uma lista de adjectivos de Averill (1975) que

contempla 550 palavras inglesas, ou 235, de Scherer (1984), têm surgido tentativas de delimitar as emoções básicas que podem variar, segundo diferentes autores, entre 5 e 15. Quatro emoções são comuns a estas listas: alegria, tristeza, ira e medo. O presente estudo pretende apresentar o resultado da avaliação que uma amostra de 100 sujeitos universitários fez a partir de listas de sessenta palavras portuguesas relacionadas com estas emoções. Foi assim possível a elaboração de quatro listas de palavras ordenadas segundo a sua conotação emocional, que serão apresentadas graficamente.

INFLUÊNCIA DE ESTRUTURAS E PROCESSOS COGNITIVOS NO EXTREMISMO DO JULGAMENTO LEGAL: DO SENSO COMUM À ESPECIALIZAÇÃO EM DIREITO

ANA MARTINS E ELISABETE SOUSA

Este estudo analisa a influência das teorias implícitas acerca dos maus tratos a menores sobre o extremismo do julgamento legal de um caso dessa natureza. Leigos, novatos e especialistas em Direito responderam a um questionário que simulava, de forma simplificada, o julgamento de uma mãe que, supostamente, havia maltratado o seu filho. Tal como foi hipotetizado, os especialistas jurídicos, embora se tenham mostrado mais complexos em termos das estratégias de resolução do caso e tenham evidenciado uma maior preocupação em emitir um julgamento o mais imparcial e ponderado possível, apresentaram desempenhos bastante semelhantes aos dos leigos e dos novatos. Estes desempenhos caracterizam-se por uma forte influência das teorias implícitas possuídas pelos sujeitos acerca da situação sobre o julgamento por si emitido, influência que se mostrou consistente essencialmente para a formação de impressões a respeito da arguida, a formação de questões sobre a sua premeditação e intenção em cometer o acto e a atribuição da pena. Relativamente a cada um destes processos, os sujeitos incorreram em enviesamentos cognitivos, tendo avaliado a situação à luz das suas crenças, as quais lhes permitiram, através da adopção de estratégias de interpolação, inferir informação não

constante da descrição do caso. Extrapolando para o contexto jurídico, a presente investigação vem colocar em causa a igualdade e imparcialidade da forma como os cidadãos possam ser julgados. Por um lado, pela influência das teorias leigas adquiridas pelos especialistas em Direito, enquanto membros de uma sociedade. Por outro, pela sua adopção de estratégias conformativas na procura de informação, as quais podem, não só gerar uma sobre-representação de dados não correspondentes à realidade, como constringer as opções de resposta dos arguidos por forma a confirmarem expectativas falsas. Este problema adquire especial relevância na medida em que a experiência acumulada, pelos especialistas jurídicos, se revelou determinante da cristalização dos enviesamentos confirmativos por si cometidos, ao testarem as suas hipóteses sobre a situação.

INTELIGÊNCIA VERSUS PROGRAMAÇÃO MOTORA

ANTÓNIO JOSÉ BENTO E JOSÉ AUGUSTO ALVES

O objectivo do presente trabalho é estudar a relação existente entre a inteligência e o estágio de programação motora. Para tal, utilizaram-se as variáveis compatibilidade S-R, probabilidade do estímulo e tempo de intervalo interestímulo. A amostra foi constituída por 24 indivíduos, divididos em dois grupos de 12 (um grupo apelidado de inteligente e o outro de menos inteligente). As habilitações literárias situavam-se ao nível do 12^o ano de escolaridade. Para formar os dois grupos (inteligente e menos inteligente) foi utilizado o teste das Matrizes Progressivas de Raven. O grupo inteligente era constituído pelos sujeitos com 56 ou mais itens correctamente resolvidos, enquanto o grupo menos inteligente englobava os indivíduos com 49 ou menos itens correctamente resolvidos. Nas provas do tempo de reacção foi utilizado um Polirreacómetro (PR - modelo 30), sendo o tempo de reacção medido em centésimos de segundo (CS). Verificaram-se diferenças significativas entre o grupo inteligente e menos inteligente no conjunto de todas as provas, e em função de cada variável em particular (os dois grupos diferiam significativamente em função quer da compatibilidade S-R, quer da probabilidade do estímulo, quer do tempo de intervalo interestímulo). Os indivíduos inteligentes proces-

sam informação de forma mais rápida que os indivíduos menos inteligentes, e a influência da inteligência no estágio de programação motora faz-se sentir como resultado de combinações de factores que afectam este estágio de processamento de informação, e não de forma directa, já que a inteligência apresentou efeitos aditivos com todas as variáveis consideradas (isto é, afectam estádios diferentes do processamento de informação). O efeito da inteligência na programação motora torna-se mais notório em situações de baixa probabilidade do estímulo (probabilidade = 2), e de incompatibilidade S-R, ou seja, em situações não naturais, quer por serem contrárias ao habitual (incompatíveis) quer por ocorrerem com pouca frequência (probabilidades baixas associadas à ocorrência de determinado estímulo).

SOBRE O PENSAMENTO: MODELOS MENTAIS E ESQUEMAS PRAGMÁTICOS

FREDERICO PEREIRA E CRISTINA QUELHAS

O Pensamento mantém-se um problema central no campo da Psicologia, tal como noutros territórios do conhecimento (Filosofia, Linguística, Inteligência Artificial e Psicanálise). Um dos aspectos centrais do estudo dos processos de Pensamento reside na procura da lógica que os ordena e da estrutura que os caracteriza, tendo em conta os contextos internos e relacionais no qual ocorrem. Quanto a este aspecto, para além das construções oriundas da lógica, identificam-se percursos desenvolvimentais, centrados ainda na lógica, e «lógicas alternativas», designadas classicamente por paleológicas, e, recentemente, por bi-lógicas. Referem-se características do Pensar recentemente designadas pelo conceito de «enviesamentos» — acerca dos quais se pode questionar se são «enviesamentos» do sujeito Psicológico, ou «enviesamentos» em relação às previsões derivadas das modelizações dominantes dos processos cognitivos. Para além do enfoque teórico acima indicado, a presente comunicação procura comparar as previsões derivadas de dois modelos compreensivos fundamentais dos processos lógicos do pensamento, na situação específica de condicionais: a Teoria dos Modelos Mentais (Jonhson Laird) e o Modelo dos Esquemas Pragmáticos (Check e Holyoack). Adoptando uma perspectiva de análise desenvolvimental não longitudinal, com uma amostra de 960 sujeitos, é testada a potência

dos dois modelos. Os resultados são interpretados, *in fine*, como exigindo a elaboração de um modelo psicossocial do pensamento, a introdução sistemática, nos processos de modelização, de variáveis do contexto, e de variáveis de regulação e controlo, não como acrescentos a modelos prévios, mas como forças centrais de qualquer modelo compreensivo do pensamento e, concretamente, do raciocínio.

PSICOLOGIA E LITERATURA — MODELOS E MÉTODOS

FREDERICO PEREIRA

Com esta comunicação pretende mostrar-se como, no plano teórico e metodológico, a indagação psicológica da obra literária é enriquecedora para a Psicologia, simultaneamente no plano dos seus modelos teóricos e no plano dos dados empíricos que os suportam. São examinados três modelos interpretativos: o modelo estrutural, o «modelo da resposta do leitor», e o modelo dialógico. São enunciadas as contribuições fundamentais do modelo dialógico da interpretação da obra literária para a Psicologia, articulando os desenvolvimentos baltinianos da semiótica literária com as obras recentes (1991) estritamente psicológicas. O modelo da resposta do leitor é examinado à luz de dados da estética experimental e da leitura psicanalítica. São avaliados os limites da clássica «psicanálise aplicada» e enunciadas as linhas relevantes no plano metodológico e teórico dos seus limites. São apresentados dados de investigações empíricas que fundamentam os enunciados centrais da comunicação.

TEMPO DE REACÇÃO E INTELIGÊNCIA

JOSÉ AUGUSTO ALVES

No estudo da inteligência, a velocidade mental foi sempre uma das preocupações maiores dos psicólogos, levando-nos a sua história até Galton (1862). Assim, o objectivo do presente trabalho é fazer uma revisão dos estudos realizados para pôr a claro a relação entre a velocidade mental e a inteligência. O método privilegiado nestes estudos tem sido o dos Tempos de Reacção (TR) e que teve um grande incremento a partir do final da década de 70 com os trabalhos de Jensen e colaboradores e de Frank e Lehl. A generalidade dos estudos demons-

tram uma relação estreita entre a inteligência e o processamento da informação, nomeadamente quando utilizado o paradigma de Hick. As diferenças encontradas, através da comparação dos resultados obtidos por grupos de indivíduos considerados inteligentes e menos inteligentes (avaliados pelos testes psicométricos) em tarefas de TR, têm-se mostrado significativas. Por outro lado, também as correlações encontradas se têm mostrado significativas, situando-se na generalidade dos trabalhos entre -0.30 e -0.60. Em conclusão, os resultados apresentados dão suporte teórico ao ponto de vista de que a velocidade de processamento da informação pode constituir um factor geral que está subjacente às diferenças individuais na *performance* de tarefas intelectuais complexas, confirmando as formulações iniciais de Galton (1862), MackFarland (1928) e Spearman (1927).

TEMPO DE REACÇÃO, TEMPO DE INTERVALO INTERESTÍMULO E INTELIGÊNCIA

JOSÉ A. ALVES E FERNANDO J. L. MARTINS

A evolução tecnológica coloca cada vez mais o operador humano face à necessidade de captar e tratar a informação indispensável à sua actividade de trabalho. Deste modo, o objectivo do presente estudo é o de verificar como é que indivíduos com diferentes níveis de inteligência processam a informação quando as tarefas utilizam diferentes tipos de intervalo interestímulo e de complexidade diferenciada. Trinta e dois sujeitos, com idades entre os 18 e os 45 anos e habilitações literárias entre o 9º e o 12º ano de escolaridade, foram agrupados em dois grupos iguais, de acordo com o resultado obtido (mais de 52 e menos de 43 itens correctos) no teste SPM de Raven. Os dois grupos realizaram de seguida uma tarefa de TR, em que foram manipulados o tempo de intervalo interestímulo (curto, normal e longo) e a complexidade (0, 1 e 2 bits de informação). Os resultados obtidos evidenciam uma influência significativa ($p < 0.001$) da inteligência num TR, sendo os indivíduos inteligentes mais rápidos a processar a informação. Também o tempo de intervalo provoca diferenças significativas ($p < 0.001$) no TR, podendo o TR ser ordenado como segue em função do TI: curto < normal < longo. A complexidade, por sua vez, determina igualmente um aumento significativo do

TR, confirmando a lei de Hick e o descrito na literatura. No que se refere à exactidão das respostas, somente a complexidade produz um aumento significativo dos erros. Estes resultados permitem-nos concluir que tanto a inteligência como a duração do intervalo e a complexidade da tarefa influenciam a velocidade de processamento da informação, confirmando os dados da literatura produzida sobre esta questão.

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE MODELOS TEÓRICOS DA PERCEPÇÃO

M. GLÓRIA RAMALHO

Os fenómenos perceptivos têm sido tradicionalmente explicados por modelos teóricos que fundamentam a percepção numa sequência discreta de impressões sensoriais espaço-temporais e que pressupõem a unidade de percepção como uma forma de saber codificado sobre o mundo exterior. A controvérsia sobre a adequação destes modelos à explicação da percepção de uma forma geral e a da apreensão de acontecimentos no tempo é aqui abordada. São levantadas questões tanto sobre a sua viabilidade lógica como sobre os problemas empíricos inexplicáveis no contexto teórico em causa. Mais concretamente, discutem-se teorias sobre a percepção de velocidade e abordam-se tangencialmente os modelos de percepção de tempo que estas concepções pressupõem.

A QUESTÃO DO PASSADO NA MEMÓRIA

MARIA SALOMÉ PINHO

O estudo da memória supõe uma tomada de posição relativamente a uma questão fundamental: a conservação ou guarda do passado. Considera-se aqui que o problema da conservação ou permanência assenta numa inscrição como condição do durável. Neste sentido, a construção de modelos da memória é vigiada por uma dupla exigência: a superfície de inscrição ou de acolhimento terá que ser ilimitada e possuir uma competência de retenção permanente das inscrições. Referem-se então alguns exemplos provenientes da abordagem conexionista ou das redes neuronais. Estes modelos de memória enraízam numa concepção segundo a qual o passado seria um presente-passado, isto é, o passado na memória seria

a conservação ou restauração de uma presença já não presente. Sob o signo da presença plena, o esquecimento é subestimado justamente porque corruptor desta presença. Pergunta-se ainda pela possibilidade de pensar a memória, a temporalidade como não subalternizada pela presença.

ERROS INFERENCIAIS: IMPLICAÇÕES PARA A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

MÁRIO M. RODRIGUES SIMÕES

Os psicólogos ocupam uma parte importante do seu tempo de trabalho em tarefas ou actividades de avaliação psicológica (onde coexistem julgamentos e tomadas de decisão acerca dos métodos e instrumentos de avaliação a utilizar, da natureza e gravidade dos problemas, do diagnóstico, da etiologia e do prognóstico e da estratégia e técnicas de intervenção psicoterapêutica a implementar). Este trabalho procura caracterizar algumas das questões colocadas pela existência de erros inferenciais e enviesamentos, na prática clínica, em situações de avaliação psicológica. São apresentados alguns exemplos de erros que intervêm no raciocínio clínico: a correlação ilusória, a incapacidade para avaliar fenómenos de covariação, as heurísticas da representatividade e da disponibilidade e o enviesamento confirmatório. São referidas as variáveis pessoais (formação teórica, experiência, quantidade e capacidade de tratamento da informação, memória) e as variáveis relativas aos sujeitos (como a idade, sexo, classe social, raça, grupo étnico ou o tipo de diagnóstico) que influenciam o funcionamento cognitivo dos psicólogos no processo de aquisição e integração de dados e na formação e avaliação de hipóteses. Finalmente, são indicadas algumas das medidas propostas no sentido de minimizar o efeito dos erros e enviesamentos e orientadas para o aperfeiçoamento dos comportamentos de avaliação psicológica.

AVALIAÇÃO DA PERSONALIDADE E AUTO-RELATO — É O ACESSO INTROSPECTIVO POSSÍVEL?

MIGUEL M. GONÇALVES

Estudou-se o acesso introspectivo às variáveis da personalidade a partir da comparação entre várias

medidas de auto-relato e uma amostra de comportamento complexa – o Rorschach com o sistema integrativo de Exner. Este sistema considera o Rorschach uma tarefa perceptivo-cognitiva e estrutura os dados quantitativos do teste em 5 domínios: *coping* e controlo, afecto, aspectos cognitivos, autopercepção e percepções interpessoais. As medidas de auto-relato utilizadas foram o I.C.A.C., o I.R.P., o D.A.S. e o Q.P.R. – um questionário elaborado pelo autor a partir das variáveis do Rorschach atrás referidas. Os dados obtidos permitem identificar um grupo em que existem várias correlações significativas entre os questionários e o Rorschach. As variáveis deste teste indicam que se trata de um grupo com uma auto-imagem bem estruturada. Neste grupo, a congruência referida existe unicamente nos dados cognitivos, estando ausentes correlações nos outros domínios. Estes dados são discutidos no contexto da avaliação cognitiva tradicional, recolocando-se o problema abordado por Nisbett e Wilson (1977) acerca do acesso introspectivo aos processos cognitivos superiores.

RECONHECIMENTO DE FACES: SUAS IMPLICAÇÕES

E. P. ALBUQUERQUE

O interesse pelos aspectos relacionados com o processamento e reconhecimento de faces sofreu um grande incremento na última década. Este aumento de interesse foi concomitante ao aparecimento dos primeiros modelos de processamento de faces (Bruce e Young, 1986; Ellis, 1986; Hay e Young, 1982) e à implicação que esta investigação teve no domínio do testemunho ocular (Bruyer, 1989). São vários os problemas que se colocam no reconhecimento de faces, nomeadamente o efeito da mudança de contexto, o tipo de processamento efectuado, a dificuldade de reconhecimento de faces invertidas ou de outras raças, o grau de atracção das faces ou ainda o grau de activação do material. Realizou-se um estudo experimental cujo objectivo foi o de averiguar qual o efeito que uma activação prévia a uma tarefa de reconhecimento produz no tempo de nomeação de faces de pessoas famosas. Manipularam-se três condições de activação e observou-se que a activação directa do material produz um reconhecimento mais rápido, enquanto que os resultados dos grupos que foram activados

indirectamente ou não foram activados não apresentam diferenças significativas. Os resultados são interpretados tendo presente o modelo de reconhecimento de faces de Bruce e Young (1986).

AMPLITUDE DA MEMÓRIA IMEDIATA, VERBAL E VISUO-ESPACIAL: UMA COMPARAÇÃO ONTOGENÉTICA

S. LUÍS CASTRO E SELENE VICENTE

A ideia segundo a qual a amplitude de memória imediata se traduziria num número relativamente fixo correspondente a uma limitação estrutural inespecífica tem vindo a ser contestada no âmbito quer da Psicologia Cognitiva quer da Neuropsicologia. Este estudo pretende averiguar um dos aspectos potencialmente diferenciadores da amplitude de memória imediata, conforme o seu domínio de aplicação: fonético-verbal ou visuo-espacial. Visa ainda contribuir para o esclarecimento dos padrões de desenvolvimento dos limites dessa(s) amplitude(s). Usou-se o subteste de memória imediata de dígitos de WISC (ordem directa e inversa) e o teste de amplitude dos blocos de Corsi; em ambos, a tarefa consiste em reter sequências ordenadas e cada vez mais extensas de elementos individuais, números falados no primeiro caso e gestos indicando pequenos cubos dispostos frente ao sujeito, no segundo. Foram observadas 79 crianças, distribuídas nas seguintes faixas etárias: 5 anos ou pré-primária, 6.5, 7.5, 8.5 e 9.5 anos; incluiu-se ainda um grupo de universitários (n=15, idade de 21.5 em média) para a comparação. A análise das respostas revelou os seguintes resultados principais: 1) a amplitude de memória imediata verbal, medida pelo teste dos dígitos, ordem directa, cresce de cerca de 4 nas crianças em idade pré-escolar para cerca de 5-6 a partir dos 7 anos e meio, não sendo significativa a diferença observada entre os dois grupos mais jovens; 2) o decréscimo introduzido pela repetição em ordem inversa é de aproximadamente dois dígitos, nas crianças como nos universitários; 3) a amplitude de memória visuo-espacial, medida através dos blocos de Corsi, é em geral inferior à de memória verbal (ordem directa); 4) a discrepância entre as amplitudes verbal e visuo-espacial é mais pronunciada no caso dos universitários, grupo para o qual não existe diferença significativa entre os resultados obtidos com os blocos de Corsi e com a

ordem inversa dos dígitos. Estes resultados são comparados com os observados em situações análogas, discutindo-se em particular a possível

influência da escolarização, e as suas implicações em termos de modelos de funcionamento cognitivo.

PSICOLOGIA DO DESPORTO

PSICOLOGIA DO DESPORTO: DESENVOLVIMENTO E INVESTIGAÇÃO

ANTÓNIO DE PAULA BRITO

Resume-se a evolução da psicologia do desporto no nosso país, em particular nas escolas de formação em educação (INEF-ISEF e F.M.H.) e na Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva (SPPD). Referida a influência recebida a nível internacional, enunciam-se quatro fases de evolução (fase preparatória, fase de definição, fase de desenvolvimento, fase de consolidação), sendo para cada fase indicados, em quadros: os temas, os autores e as instituições e as datas. A terminar inclui-se a recensão dos trabalhos publicados em Portugal (74 títulos, ref.^ª Janeiro 1991).

INTERACÇÃO ENTRE O TREINADOR E OS ATLETAS EM VOLEIBOL DE ALTA COMPETIÇÃO, O ESTUDO DOS PADRÕES DE INTERACÇÃO

A. SANTOS E J. RODRIGUES

O objectivo desta pesquisa concretiza-se na identificação dos padrões de interacção entre o treinador e os atletas, num contexto de treino desportivo de alto rendimento. Partimos da hipótese de que os padrões de interacção mais frequentes apresentariam diferenças, em função dos períodos preparatório e competitivo. Observámos a equipa masculina de Voleibol de alta competição (1.^a divisão do campeonato nacional), registando quatro treinos de cada período (preparatório e competitivo). O registo áudio e vídeo permitiu codificar as interacções em padrões típicos. O sistema de observação utilizado foi uma adaptação do CAFIAS (Cheffers' Adaptation of Flanders Interaction Analysis).

O padrão de interacção mais frequente (RA/E/RA) identifica a relação típica do treinador com os

atletas, isto é, a sequência em que o atleta após se encontrar em actividade de treino (RA) passa a escutar a intervenção do treinador (p. ex. um elogio) (E) e retoma novamente a sua actividade (RA). Por outro lado, os dois padrões seguintes mais utilizados (RP/PT/RP e RP/E/RP) referem uma actividade de treino menos aberta que a anterior (RP), seguida de instrução (preleção) (PT) ou elogios (E), retomando a actividade anterior (RP). Estes padrões de interacção não apresentam diferenças significativas nos períodos preparatório e competitivo. Somente o padrão (PT/RA/PT) que apresenta valores médios mais baixos revela diferenças significativas, não sendo utilizado no período competitivo. Podemos então concluir que esta interacção revela predominantemente o incentivo do treinador, enquanto os atletas se encontram em tarefas de carácter aberto. As correcções ocorrem mais frequentemente após tarefas de carácter repetitivo e fechadas, sendo este um padrão também muito frequente. Verificamos que o padrão de interacção em que o treinador após informação acompanha a execução do atleta e intervém novamente não foi registado no período competitivo.

INFLUÊNCIA DO MEIO FAMILIAR E DO COMPANHEIRO NO RENDIMENTO DESPORTIVO DO ATLETA

A. GOUVEIA, A. CABRITA, M. SALGADO, P. GRAÇA, S. BRITO E S. SERPA

O objectivo do trabalho é determinar o tipo de influência exercida pelo meio familiar e pelo companheiro no rendimento desportivo do atleta. A amostra é constituída por 100 atletas federados praticantes de várias modalidades, sendo 50 do sexo masculino e 50 do sexo feminino e cujas idades se situam entre os 15 e os 30 anos. Através das respostas, numa escala de 7 pontos, a um

questionário especialmente desenvolvido, verificou-se que quer o meio familiar quer o companheiro exercem uma influência sentida pelos atletas como positiva no seu rendimento, manifestada particularmente na assistência às competições, na interacção pessoal e no apoio material. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na importância atribuída a familiares e ao companheiro.

ESTUDO DA RELAÇÃO TREINADOR-ATLETA NUMA SELECÇÃO DE FUTEBOL JUVENIL

CARLOS LEITÃO, SIDÓNIO SERPA E RUI BARTOLO

Este estudo teve como objectivo a análise das relações entre atletas e o treinador ao nível dos comportamentos de liderança numa equipa de futebol de alta competição. Os sujeitos sobre quais incidiu o nosso estudo foram 14 atletas, de idade compreendida entre os 15 e 17 anos, do sexo masculino, e o respectivo técnico, que participaram no trabalho da selecção nacional ao longo de uma época. Os instrumentos utilizados foram a «Leadership Scale for Sports – LSS», e o «Inventário de Interação Atleta-Treinador de Medford – IIAT», aplicados directamente pelos investigadores em 4 momentos da época. Concluiu-se que o comportamento de Treino e Instrução, seguido do de Reforço, foram em todos os momentos de avaliação os estilos de liderança mais utilizados de acordo com a percepção dos atletas e do treinador. Nos estilos de decisão, o comportamento Democrático foi o mais verificado na percepção dos atletas, e o Autocrático o mais utilizado, segundo a autopercepção do treinador. Os atletas perceberam favoravelmente o seu treinador, através da IIAT, existindo correlações significativas entre os valores obtidos na LLS e o Inventário de Medford.

ESTUDO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA NAS EQUIPAS JÚNIORES PARTICIPANTES NO CAMPEONATO NACIONAL E NAS SELECÇÕES NACIONAIS PARTICIPANTES NO CAMPEONATO DO MUNDO DE 1991

JOÃO GODINHO E SIDÓNIO SERPA

Este trabalho tem como objectivo o estudo dos estilos de liderança, no futebol, em treinadores do campeonato nacional português de juniores «A», comparando-os com treinadores de selecções nacionais, de diferentes países, da mesma idade. A amos-

tra é constituída por 215 atletas do sexo masculino, 123 nacionais, pertencentes a nove equipas da série «D» do campeonato nacional de juniores «A»; e 92 estrangeiros pertencentes a 6 equipas presentes no campeonato mundial de sub 20 realizado em Portugal no ano 1991. As idades variam entre os 16 e os 19 anos. O material utilizado foi a «Leadership Scale for Sports» (LSS), na sua versão de percepção dos comportamentos do treinador por parte do atleta. Como resultados principais, é de salientar o seguinte: os comportamentos predominantes em ambas as amostras são o Treino-Instrução e o Reforço, sendo o Autocrático o menos verificado; na amostra nacional existem diferenças significativas entre as várias dimensões do LSS, o mesmo acontecendo para a amostra internacional; quando comparadas as duas amostras constata-se que existem diferenças significativas nas várias dimensões do LSS, excepto na dimensão referente aos Comportamentos Autocráticos, sendo a média dos treinadores, seleccionadores nacionais, sempre superior à média dos treinadores do campeonato nacional.

ESTUDO DAS CONDICIONANTES PSICOLÓGICAS EM TUMBLISTAS PARTICIPANTES NO CAMPEONATO DA EUROPA DE 1991

J. RAMOS, A. SEVERO, J. CANDEIAS E S. SERPA

O objectivo do estudo foi determinar o tipo de preparação psicológica dos participantes no Campeonato Europeu de Tumbling (1991) em relação com as respectivas classificações. A amostra foi constituída por 17 tumblistas seniores, sendo 11 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. O instrumento utilizado foi o PSIS de Mahoney, tendo-se verificado que os atletas melhores classificados obtiveram valores mais elevados na dimensão Preparação Mental e mais baixos na dimensão Motivação quando comparados com os piores classificados. Estes obtiveram ainda valores significativamente superiores na ênfase à Equipa.

INFLUÊNCIA DO TIPO DE ACTIVIDADE GÍMNICA NO ESTILO DE CONCENTRAÇÃO E NÍVEL DE ANSIEDADE DOS GINASTAS

P. ARAÚJO, J. BOTEQUIM, M. MOREIRA, P. PAÇOS, L. XAVIER E S. SERPA

O objectivo do trabalho é estudar a influência da actividade gímnica no estilo de concentração e

no nível de ansiedade – traço em ginastas. A amostra é formada por 20 sujeitos do sexo masculino cuja idade varia entre os 14 e os 15 anos, tendo sido divididos dois grupos de praticantes, de Ginástica Artística (N=10) e de Ginástica de Grupo (N=10). Foi utilizado o SCAT para medir a ansiedade e o TAIS para medir o estilo de concentração. Verificaram-se valores de ansiedade superior nos praticantes de Ginástica de Grupo, enquanto que no estilo de concentração apenas existe diferença na dimensão OET. Verificou-se, ainda existir correlação positiva e significativa entre as versões reduzida e completa do TAIS.

APRENDIZAGEM DE TAREFAS DESPORTIVAS: ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS «CONDIÇÕES DE PRÁTICA»

PEDRO SARMENT

A aprendizagem de tarefas motoras, mormente as desportivas, assenta em pressupostos de natureza psicológica que provêm dos estudos da conduta e das teorias fundamentais da aprendizagem. As condições de prática servem de intermediário à evolução mental do próprio movimento (programação motora), na medida em que a aprendizagem envolve aspectos observáveis e não-observáveis, razão pela qual se considera a existência de condições de prática de natureza mental e motora. O conhecimento dos factores intrínsecos ao indivíduo que influenciam o processo de aprendizagem é determinante para, posteriormente, se poderem definir os processos metodológicos mais adequados, em função dos praticantes e das características das tarefas. Assim, se as tarefas motoras se encontram já abrangidas pelas leis fundamentais da psicologia da aprendizagem, no âmbito desportivo alguns aspectos particulares devem ser realçados e reflectidos.

ESTUDO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA EM FUTEBOL, NAS EQUIPAS DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

SIDÓNIO SERPA E JOÃO CARVALHO

O objectivo do estudo consiste na avaliação dos comportamentos de liderança em futebol. A amostra é constituída por 324 jogadores seniores (+ 19 anos) do sexo masculino e 18 treinadores,

pertencentes a 18 equipas da Região Autónoma da Madeira, participantes nos campeonatos nacionais e regionais. Utilizou-se a Escala de Liderança no Desporto (Chelladurai, 1978) nas versões percepção dos atletas e autopercepção do treinador, adaptada por Serpa e col. (1989). Verificou-se que os comportamentos predominantes em ambas as versões foram o Treino-Instrução e Reforço e os menos verificados os comportamentos Democráticos, não havendo diferenças significativas entre atletas e treinadores. Constataram-se diferenças significativas na comparação entre os diferentes níveis de competição. Conclui-se que a importância relativa das dimensões do comportamento estão de acordo com a literatura e que os valores baixam do nível nacional para o nível regional de competição.

TEMPO DE REACÇÃO SIMPLES, DE ESCOLHA E DE DECISÃO. ESTUDO COMPARATIVO EM PRATICANTES DE GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA DE DIFERENTES NÍVEIS DE PRÁTICA

V. FERREIRA E A. P. BRITO

O estudo teve por objectivos determinar a relação existente entre os TRS, TRE e TD nos diferentes níveis dos praticantes de GAM. Como objectivo complementar, o estudo da correlação entre o TD e o factor «g» de inteligência consoante os níveis propostos. Utilizámos o «PD 12 de Dufour» para a determinação dos TR, a prova das «Matrizes Progressivas de Raven PM 38» para a determinação do factor «g» e, a prova de «Toulouse-Pieron» para a determinação do *score* de exactidão. A amostra foi constituída por um total de 35 ginastas nacionais de três níveis de prática distintos, participantes nos respectivos Campeonatos Nacionais de 1989. Os resultados mostraram que os vários parâmetros do TR apresentam associações diferentes com os níveis de prática dos ginastas em estudo; e que o TD não se associa com o *score* de Raven relativamente a qualquer um dos níveis de prática propostos. Nos ginastas de menor nível de prática (4ª cat.), o *score* de exactidão não se associa significativamente a nenhum dos parâmetros do TR; contudo, nos de 3ª e 1ª categorias associa-se apenas com alguns parâmetros do TRS. Em qualquer um dos grupos estudados, o TD não se associa significativamente com o *score* de Raven.